

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel, havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Quinta-feira 31 de Outubro de 1861.

N. 23

PROSAISMO DA VIDA COMMERCIAL

Resposta ao Sr. Americo Brasilico.

Depois de seis mezes de silencio, vem o Sr. Americo Brasilico, contradizer o que dissemos em o n.º 11 desta folha, sobre o supposto prosaismo da vida commercial.

Essa resposta que por ventura teria algum valor se attendessemos aos dotes de seu auctor, perde metade de sua importancia, sendo como o foi, guardada para agora.

Ninguem talvez já hoje se lembre do que dissemos nesse nosso artigo, e por consequencia o interesse da questão está perdido e por tanto tudo quanto se poderia dizer, não tem mais aquelle cunho de novidade que excita a curiosidade.

Apezar porém, de tudo, não podemos deixar sem resposta o amontoado de sophismas e paradoxos com que o nosso illustrado contendor, tentou derrubar as verdades que apresentamos. São esses sophismas (em que se revela toda a agudeza de seu espirito nimamente argucioso) que vamos procurar destruir, com todas as armas e meios que a razão e a justiça de nossa causa, nos suggerirem.

§

Primeiramente devemos confessar a S. S. que o titulo de seu escripto, tem seu *que* de pretencioso. Com effeito, para que escrever no cabeçalho, — a intelligencia e o materialismo — se nós não negamos a utilidade e a supremacia da intelligencia? Para que fingir-se espiritualista, quando se é, como S. S. sectario extrenuo do materialismo? Em nosso artigo a que se dignou responder, longe de querer-mos fazer a apothéose do materialismo, reconhecemos a supremacia da intelligencia e a necessidade de seu cultivo. Não levantamos, por consequencia, mãos profanas, sobre essa faculdade, a mais nobre das que por Deos foram concedidas ao homem. Fazê-lo, seria querer-mos tentar o absurdo. As-

sim pois, a resposta de S. S., é inutil, pois estamos perfeitamente de accordo quanto á excellencia dos dons intellectuaes, e a menos que não fosse o desejo de fazer praça de erudicção, não sabemos a que attribuir o ataque do Sr. Americo Brasilico.

Se assim é, se S. S. só teve em vista o fazer mostra de seu talento, e das galas de seu estylo, errou S. S. completamente o alvo, porquanto confessando nós, ingenuamente, que nos julgamos muito inferiores a S. S. quer em talento, quer em saber, para que vir-nos esmagar com o peso de um titulo tão pomposo?

Guarda pois, o Sr. Americo Brasilico, as suas bellezas litterarias para quem, não pertencendo como nós, á vida commercial que S. S. chama *embrutecedora*, possa melhor comprehendê-lo e apreciar-o devidamente.

Vamos tentar agora responder ás ideias apresentadas pelo Sr. Brasilico, sustentando a veracidade do que affirmámos em nosso primeiro artigo.

§

Apezar de todos quantos esforços empregou o Sr. Americo Brasilico, para dar uma apparencia de realidade a suas proposições, o grito da verdade opprimida, se fez ouvir em sua consciencia sem que S. S. o pudesse conter.

E' que, por maior que seja o talento de que sejamos dotados, nunca o sophisma pode obscurecer a verdade, e se por algum tempo consegue tomar-lhe o lugar, para logo é expulso, para que esta brilhe de novo com todo o seu esplendor.

No seu ardor de mostrar que a vida commercial é prosaica, sem todavia provar que as outras o não sejam, é o Sr. Brasilico, o proprio que se encarrega de provar o contrario do que diz.

A intelligencia, exclama S. S. em tom dogmatico, por sua natureza activa, e de vastas aspirações, não se pode conservar n'um circulo de ferro a que a prendem muitas vezes as necessidades materiaes da vida social.

Nunca S. S. disse uma coisa mais certa, e se em todo o correr de seu artigo, tivessem sempre assim feito, estamos convencidos de que não sustentaria as ideias que finge professar.

Com effeito, nas palavras de S. S., vemos a confirmação plena de nossas theorias, pois se S. S. confessa que a *intelligencia, por sua natureza activa e de vastas aspirações, não se pôde conservar n'um circulo de ferro*, em todas as profissões, como negar que ella no commercio tambem se possa desenvolver? De duas hypotheses, uma: ou a intelligencia, deve e pôde desenvolver-se em todo e qualquer estado, ou não pode e então perde os seus fóros de faculdade moral por excellencia.

Ora este ultimo caso, não se pode dar, pois não se pode negar á intelligencia o lugar eminentemente que lhe compete, logo; ella pôde desenvolver-se e com effeito se desenvolve em todas as condições da vida humana e por consequencia no commercio esse desenvolvimento tambem tem lugar.

Além disso, resta ainda provar que a vida commercial é prosaica, ou que as outras profissões o não são. Seria, para isso preciso que S. S. construísse todo um systema novo de organização do mundo physico e moral, differente d'aquelle que está hoje estabelecido, para que pudessem suas asserções ser acreditadas. Na verdade, se olharmos para o que nos cerca, e sobretudo para a natureza animada, vêremos sempre admittido o principio da união do physico ao moral, da materia ao espirito, do corpo á alma. E não quererá isto dizer, que tudo na criação esteja subordinado ás mesmas leis? A vida social, é um outro corpo humano, com suas faculdades e seus meios de acção: sem a cabeça não se movem os membros mas sem os membros não se sustenta a cabeça; é Esopo, o pensador profundo, quem o diz e o demonstra na sua fábula do estomago em luta com os outros membros.

Disto é facil inferir-se que a natureza mesmo nos ensina que, da mesma forma que a materia se acha subordinada ao espirito, assim este está até um certo ponto sujeito ás prescripções d'aquelle. O principio da união da alma e do corpo, que tanto tem preocupado os philosophos de todas as epochas, talvez achasse nesta razão a sua solução.

Se pois todo, quer no mundo physico, quer no moral, se acha sujeito ás mesmas leis, como se poderá affirmar que a vida commercial é prosaica de sua natureza, sem que as outras tambem o sejam? Ainda mais; o Sr. Americo Brasilico, que é philosopho e christão: que acredita na justiça de Deos, pois até chega a ser fatalista, acreditaria que Deos fôra justo, se não repartisse com as outras profissões, esse funlo de mate-

rialismo ou prosaismo que S. S. quer, á fina força, que tenha cabido em sorte e sem pastilha á classe commercial? Crêmos que S. S. não pensará assim e fazemos-lhe a justiça de acreditar que a sua razão esclarecida, lhe fará ver o erro em que laboraria se alimentasse ideas tão erroneas.

§

Passando a outro topico do artigo a que respondemos, admira-nos que S. S. pudesse pôr em duvida que do seio do commercio pudessem sahir homens de bastante talento e illustração que merecessem a honra de sentar-se, um dia, nos conselhos da corôa.

Se não tivéssemos a fortuna de conhecer tão de perto ao illustrado Sr. Americo Brasilico, e não estivéssemos assim habilitados a apreciar o seu reconhecido criterio, poderíamos ser levados a crer que S. S. não vê ou não concebe a possibilidade d'aquillo que todos quantos tem uma razão sã e um espirito despido de prevenções, podem ver e sentir. Negar que o commercio de hoje não é o commercio de ha vinte annos; desconhecer no commercio a existencia, hoje, de illustrações e mesmo capacidades, é negar a propria verdade e desconhecer o progresso intellectual que hoje se nota na classe commercial brasileira. É negar toda a intelligencia ao commercio: reduzir seus membros ao estado de brutos, e desconhecer nelles, esse desejo de conhecer e investigar, inherente á especie humana e a que ella deve verdadeiramente a sua supremacia sobre os outros seres da criação.

Ora, estamos bem certos que S. S. não será tão destituido de piedade e de bom senso, que queira tirar á misera classe commercial, aquillo de que o homem, com justa razão, mas se ufana — a intelligencia —, e que não irá assim, irrogar uma injúria á tantos de seus amigos que pertencem a essa tão desconsiderada, quão importante classe de nossa sociedade.

Além de tudo, quando fallamos da intelligencia no commercio, não nos referiamos tão especialmente á litteratura como S. S. dá a entender em seu artigo. Alludiamos ao conhecimento das materias puramente commerciaes, como sejam a sciencia economica, finanças etc. Já vê pois S. S. que laborava em manifesto engano, suppondo que nos dava um grande desmentido, citando como o fez, um longo trecho da *Virgem Louca* do nosso tão desventurado como talentoso patricio, o fallecido Casimiro de Abreu. Não insistiremos sobre se foi ou não, á força, que este malfadado poeta, morreu empregado no commercio. Observaremos tão sómente, que por muito valiosas que possam ser á causa que S. S. defende, as palavras que cita de Casimiro de Abreu, nós não duvidariamos acceita-las como verdadeira expressão de sentimento, se não conhecessemos,

como conhecemos, que é uma triste condição da vida humana, o nunca estar contente com aquillo que possui. Nem todos teem, como nós, força moral sufficiente para conhecer aquillo que temos, contentando-nos com nossa sorte, e bastante coragem para sustentar as nossas convicções.

§

Concluindo diremos ainda ao Sr. Americo Brasilico algumas palavras.

Não pense S. S. como no-lo dá a entender em seu artigo, que escrevemos as palavras a que se dignou responder, n'um momento de tédio. Não: o que escrevemos, foi o fructo do que sentiamos; forão as nossas ideas, as nossas convicções, filhas do que viamos e do conhecimento cabal e profundo da materia de que nos occupavamos.

Não temos, como S. S., uma intelligencia flexivel e amestrada, uma habilidade preciosa para dizer aquillo em que não cremos, e que não conhecemos. A nossa costumada franqueza e ingenuidade repugnava e repugna ainda, o dizer palavras que não representem as nossas convicções. A outros deixamos tão ingrata senão perversa tarefa. Cremos ter respondido a tudo quanto S. S. foi servido dirigir-nos, e se nos fosse permitido dar-lhe um conselho, dir-lhe-hiamos, que ser-lhe-hia mais airoso, se, em lugar de ceder a um mal entendido movimento de vaidade, S. S. se tivesse absteido de escrever sobre um assumpto em que, como n'este, é S. S. completamente leigo. Não viemos á imprensa movidos do mero desejo de escrever e de fazer mostra de saber: viemos cumprir um dever de honra como é o de defender a classe a que pertencemos das accusações injustas que por ventura lhe faça, alguém que sob pretexto de responder a ideas, vem á imprensa apresentar divagações, pendurando a intelligencia ao bico de um condor, e fazendo-a andar aos trambulhões pelas cordilheiras dos Andes.

Dito isto, asseguramos-lhe que por muito honrosa que possa ser uma polemica com S. S. nós desde já declaramos que a não acceitamos, por quanto nos falta completamente tempo e paciencia para argumentar com quem não quer ser convencido.

JAMI

12 de Outubro 1861.

SOCIEDADES LITTERARIAS

A missão de que nos vamos occupar, tem seus escolhos que necessario se torna vencer. E' uma tarefa ardua, na verdade superior ás nossas forças; mas quando existe demasiada sympathia por uma causa, é grato e nobre superar os inconvenientes que surjão e proseguir-se na jornada emprehendida.

Tornar-se deve o nosso escripto, de um resalbro critico; não podemos evitar essa circumstancia, porque sem a analyse precisa, como discorrer-mos a respeito?

Ainda mais uma razão deve attenuar a imperfeição do presente trabalho. E' ella a exiguidade de dados para ser cabal o juizo que devemos emitir; não nos embaraçamos demasiadamente com esse motivo, embora contribua elle para sabir imperfecto este escripto, não é essa causa sufficiente para nos demover da senda que encetamos.

Sirvão essas considerações de desculpa aos espiritos por demais exigentes que quasi nunca attendem aos elementos demonstrativos em prol das faltas que são commettidas.

O Instituto Historico e Geographico do Brasil, já uma vez o dissemos, é um gremio aristocratico, litteralmente fallando. Seus fins são de um alcance elevado, e, se suas disposições fundamentaes não fossem tão restrictivas, incontestavelmente auferiria superiores vantagens áquellas que tem colhido.

Um numero limitado de membros que engrandecem esse gigante apostolado, a deficiencia de socios que comparecem ás suas sessões mensaes, e, as suas tão importantes, quanto ignoradas *Revisitas trimestraes*, tirão a reconhecida importancia que devia ter a nossa soberana instituição scientifica e contribuem para serem malogrados os beneficios genericos que d'ella se contava obter.

Se, porem o Instituto Historico não faculta os gergens instructivos necessarios á população; se elle tem suas portas fechadas ás intelligencias ainda não possuidoras da nobresa litteraria; ainda felismente vive, embriagado pelas galas com que se effectuão as suas sessões.

Disemos felismente, porque podia ter elle tido o lamentavel, fim que tiverão o *Gymnasio Brasileiro*, a *Academia Philosophica* e outras sociedades merecedoras de longa e productiva vida.

Deixemos o Instituto Historico, e tratemos dessas sociedades que se lhe seguem e que prestando, como prestão, assignalados serviços, são desconhecidas e talvez que desprestigiadas pelas nossas summidades litterarias.

Por direito de antiguidade, quando outros não tivesse, empree-nos tratar em primeiro lugar d

Gremio Litterario Portuguez, fundado n'esta Corte em 12 de Fevereiro de 1856, por uma resumida phalange que, applicando-se ao Commercio, desejava, nos momentos de descanço, illustrar o espirito.

Inaugurada sob bases restrictivas e n'uma epoca em que o materialismo tão profundamente infestava essa classe, o *Gremio Litterario Portuguez* navegava entre a limitada esphera que lhe era adstrita, não só por esse motivo, mas tambem pelo resumido numero de pessoas que fazião parte da equipagem desse pequeno lenho!

E' justo confessar-mos que, apesar da modestia em que por alguns annos se encobrio, a elle são devidas empreheções importantes. A *Sauidade*, periódico semanal publicado em 1855 e 1856, manteve-se por seus esforços. A ideia magnanima e honrosa de saplificar-se o compromisso santo que os lusitanos devião

Ao cantor immortal de suas glorias,

Que co'a espada e com a penna batalhara

Legando alto renome á luzta terra!

tambem foi pelo *Gremio* aventada, não se realisando em consequencia de talvez serem obscuros os nomes que, longe da patria, desta não se esqueçião.

A mais saliente gloria do *Gremio Litterario*, é devida á incansavel administração do seo mais proeminente membro, cujo nome nos é grato mencionar, o Sr. Reinaldo Carlos Montóro. Foi n'essa fertil administração que surgiu o *Album* dessa associação, que guarda algumas preciosidades como o *Frei Luiz de Souza*, *A Roma do Atlantico* e outros bellos artigos desse Sr.; *Beranger*, *Garret*, *L. amartine* e outros do Sr. Gonçalves Braga; e, escriptos e poesias de merito dos Srs. Fernando Castiço, Cibrão, Louzada, e Novaes.

Actualmente, depois de um longo somno que usufruiu á sombra dos passados trophéos o *Gremio Litterario Portuguez*, indirectamente concorre em prol da estabilidade da *Sauidade* que resurgio, qual nova Phenix das cinzas em que cahira.

Com esse assaz louvavel concurso a *Sauidade*, bem merece a designação de *Revista de Litteratura amena*, que lhe tem sido dado pelas illustradas redacções do *Mercantil e Diario*.

O *Gremio*, alem desses salientes serviços presta mais um que poderosamente contribue em favor de seus associados e da litteratura portugueza. As sessões semanaes que effectua (não obstante não poucas interrupções terem havido mais de um: vez), são elementos mui ponderosos ao progresso intellectual de seus associados, e d'ellas, por todos os motivos, só resultados benéficos podem provir.

A sua actual administração, intelligente e perseverante, annuncia uma nova epoca de prosperidade, e ella, deparar-se ha se continuar firme e

innabalavel a harmonia que felismente existe entre todos os membros dessa util instituição.

Em 1858, dizia o talentoso ex-presidente do *Gremio* (o Sr. Reinaldo Carlos) que á sahida do recinto social de seus concocios — não tomarão o rosto as cores do pejo — e que — podião erguer a frente com altivez; e o andar seria humilde mas a cabeça nobre. —

Com justiça declaramos que ainda preponderão as valiosas asseverações desse tão distincto joven.

III

As dissensões intestinas são os motores da ruina de emprezas de transcendente monta. A unidade do pensamento foi, e será sempre um impossivel. D'ahi as desavenças, as lutas e o quebramento muitas vezes de relações intimas consolidadas por uma longa serie de circumstancias.

Nem sempre, felismente, resultão insanaveis males de um tal apartamento; em these o facto só pode ser louvado, quando, por uma indispensavel causa, não pode elle ser evitado.

A criação da Sociedade *Pleiade Luso Philo Littera*, em 30 de Junho de 1859, foi devida ás desintelligencias, não provadas, que tiveram lugar n'esse anno no *Gremio Litterario Portuguez*.

Dous importantes membros d'essa associação, julgarão-se offendidos em suas susceptibilidades, e por consequencia desligarão-se d'ella e instituirão um novo apostolado sob vistas mais liberaes e instructivas.

Os dous fundadores erão sufficientes garantias para ser organizada e mantida a edificação projectada; faltava-lhes pórem o dom sobrenatural, que almejavão possuir, para não serem feridos pela pena de Talião.

Installada a *Pleiade Luso Philo Littera*, debaixo dos mais lisongeiros auspicios, conseguirão os autores da ideia, vel-a inaugurada a despeito da chrisma porque a sua primitiva denominação passou com todas as regras sociaes.

Em pouco tempo, o pomo da discordia surgiu nos fastos da recém-nascida. A desintelligencia da Directoria acerca da admissão do professor da primeira aula de ensino marcada nas respectivas bases fundamentaes, seguiu-se o apparecimento de uma respeitavel opposição ao projecto sustentado pelos fundadores da sociedade, que após porfiada luta sabirão vencedores d'esse pleito que podia ser a origem destructiva de todos os esforços envidados para não naufragar o intento dos que por dissidencias se tinham retirado do *Gremio*.

E, o facto por estes consummado, foi, talvez impensadamente, praticado pelos opposicionistas

zo candidato á cadeira d'ensino ! Dissemos que esse proceder, talvez fosse impen-damente, porque, a causa era simples em consequencia de tratar-se quasi tão somente das vantagens que podião provir da origem natal dos candidatos.

A retirada dos vencidos, produziu não pequeno abalo nos alicerces do edificio ainda não construido, e o Retiro Litterario Portuguez, poderia baquear se a tempo não se tratasse de reconstruil-o.

Depois d'essa renhida campanha, tem o Retiro gozado de paz, e á mingoa de inimigos a vencer, todas as vistas se inclinarão ao augmento social.

As sessões semanaes que realisa, alem de serem devidamente concorridas, têm igualmente servido de immensa utilidade para seus associados que, exercitando-se nas justas oratorias, quando outros resultados não adquirão, conseguem ao menos estirpar de si essa especie de terror panico ou acanhamento que a mocidade possui.

Em Janeiro de 1860, sahio á luz o primeiro numero da *Messe*, periodico quinzenal e orgão da sociedade. Sem querer-mos molestar a quem quer que seja, previmos desde logo ter sido demasiadamente precipitada essa escabrosa empreensão, cujo proseguimento e terminação, encarregárão-se de tornar justificavel a nossa previsão.

Nada dissemos a respeito do que contém os 24 numeros do *Messe*. A razão é simples, mas mesmo assim impossibilita-nos de emittir o nosso humilde parecer sobre as produções n'elles inseridas, visto que, entre ellas existe um nosso escripto que teve cabida pelos instinctos generozos da Commis-são de redacção.

O Retiro Litterario o, tem effectuado duas sessões solemnes que devem ter enchido de ufania aquelles que desejão o seu bem estar. Alem dos elementos intellectuaes, prodigamente deram ados n'essas sessões, notava-se tambem o comparecimento de commissões nomeadas por diversas sociedades para a ellas assistirem.

Estas provas de confraternidade, não podem deixar de ser louvaveis.

As duas festividades litterarias que acabamos de declarar, são de gratis recordações para o Retiro Litterario Portuguez, que não pode esquecer-se dos dias 27 de Janeiro e 7 de Julho do corrente anno !

Dous actos de reconhecida justiça, praticou a sociedade na sessão de 10 de Março ultimo. A conferição dos diplomas de Presidente e Secretario honorarios, aos seus dous incansaveis instituidores, foi um expressivo signal de reconhecimento e gratidão a que o Retiro se não podia furtar, e, os agraciados, sorprendidos no momento da entrega official e solemne desses pergaminhos, ufanáo-se de possuil-os, porque sa-

bem reconhecer que — as dadas dos pobres não se avalião pelo cabedal, mas sim pela intenção. —

Na actualidade o estado do Retiro é lisongeiro por todas as suas phases ; estado que persisti á, sem duvida alguma, salvo uma ou outra oscillação inherente ao progresso social.

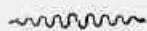
Alem do curso nocturno da lingua franceza, o Retiro tambem faculta aos seus associados os elementos para o estudo do idioma inglez, para o que fundou a segunda cadeira de ensino.

A seiva de que a mocidade se alimenta, tende sempre ao aperfeicoamento individual. Assim pois, a pleiade numerosa de jovens que pertencem ao Retiro, continuará sem contestação a eleva-lo proporcionalmente até que consiga aportar ao marco fulgido onde a gloria habita.

Temos esta creença ! Oxalá não surjão factos que a tornem irrealisavel.

F. T. LEITÃO.

Outubro 10 de 1861.



ULTIMA HORA DE UMA PERDIDA.

(Ao correr da penna.)

Uma d'essas noites passadas achava-me eu, com o Dr. J... no meu aposento de rapaz solteiro, a discutir as doutrinas de um drama que fervorosamente tem sido applaudido no Gymnasio Dramatico, quando o Doutor, subito atalhando a discussão, e passando os dedos pelos cabellos, disse-me :

— Sabes meu amigo, lembrei-me agora de um caso que se passou comigo e que passo a contar-te porque veio a proposito.

— E accendendo o seu charuto, enquanto eu preparava o meu caximbo, começou deste modo a contar-me o caso.

— Sabes, que o medico, assim como o confessor, muitas vezes fica senhor de factos, que só o desejo de alliviar a consciencia obriga a serem contados. Pois bem, uma noite achava-me eu no Theatro lyrico, quando vierão chamar-me para ir prestar os soccorros que a sciencia nos faculta, a uma minha doente.

Era uma pobre mulher, de seus 35 annos, que ha muito eu tratava, e que sentindo-se peor mandava-me chamar.

Era uma molestia, para a qual ainda uma vez a medicina não era sufficiente. Entrei no seu quarto, tomei-lhe o pulso e máo grado meu, tive de abanar a cabeça. A doente poucas horas tinha de vida.

— Senhora, lho disse eu, se algumas culpas tem, acho prudente a presença de um sacerdote, porque a minha é quasi inutil.

— Não, Senhor Doutor, me disse ella firmemente. Sei que poucas horas me restão de vida, sei que em breve irei dar contas a Deus, mas estou tranquilla e parto para a Eternidade sem pezar. Vós que fostes sempre o meu amparo, aquelle que durante a minha molestia nunca deixou a cabeceira de meu leito, a vós quero contar o que custozamente poderia levar comigo á sepultura.

— Fallai, senhora, eu vos escuto, mas sede breve.

— Em 1841, tinha eu quinze annos de idade, amava apaixonadamente a um mancebo, não só filho de boa familia, como dotado de alguma intelligencia.

Meu pai, homem de tempera antiga, nascido em uma das cidades de uma provincia meridional do reino de Portugal, era empregado no commercio, e tendo certas obrigações para com um seo patricio, a esse homem pretendia unir-me. Alfredo, assim se chamava meu amante, veio pedir a meu pai a minha mão, porém o resultado foi uma recusa formal. Aos quinze annos depois de muitas lagrimas derramadas fui ser espoza do amigo de meu pai. Alfredo em um momento de loucura, acabou com a sua existencia. Contar-vos a minha vida por espaço de dous annos que estive junto a esse homem, fóra o mesmo que levar-vos para a borda de um abysmo, onde só dôres, lagrimas e angustias existem.

A' força de viver a seu lado, não amei a esse homem, porém votei-lhe uma amizade verdadeira.

No fim de dous annos meu marido abandonou-me e foi viver com uma espanhola que havia poucos mezes que era chegada a esta cidade. Vi-me só, e entregue á sociedade, sem ter onde buscar um apoio. Escrevi a meus pais, que haviam partido para Lisboa, e nem uma resposta obtive.

Alguns dias depois do abandono que soffri, uma molestia horrivel appareceu no meu corpo; era o premio da amizade e confiança que eu votava áquelle que fóra o escolhido de meu pai. Chamei um medico, mas tinha a bolça vazia, nem um real mais me restava; pois todo o ouro, todas as joias, meu marido tinha levado. Recolhi-me a um hospital. No fim de oito mezes sahi d'elle completamente restabelecida. Doutor, eu não sabia ainda o que era o mundo, procurei trabalhar, mas, por infelicidade minha, eu nada mais sabia do que tocar piano e cantar. A educação que meu pai me havia dado consistira em trajar com luxo e ostentar-me.

Procurei tirar partido d'essa prenda, mas in-

felizmente ninguem me quer'a, porque versões malevolas corrião na cidade a meu respeito. Ninguem se condoia de mim, pelo contrario era escarnecida.

Aquelles que em solteira me procuravão esses mesmos erão os que me desprezavão. A entrada no seio das familias era-me negada.

Quasi enlouqueci de soffrer. Por espaço de dous dias, soffri a fome que tinha nas minhas entranhas.

Porem afinal, o corpo enfraqueceo, dôres horribéis dilaceravão-me as entranhas, quiz estender a mão á caridade publica, Mas era tarde, já do leito da miseria não podia-me erguer. Um mancebo entrou em minha casa, puxou por uma carteira mostrou-me ouro e disse-me: « Sê minha, que te salvarci. « Meu corpo tremeu todo, eu tinha fome, vendi-me... não, só dous dias depois, segui esse mancebo. Amei-o, por ter sido meu salvador. As semanas passarão-se, os mezes vão fugindo, já cinco no passado tinham cabido, quando uma noite meu amante, trouxe-me á casa um companheiro. Nessa mesma noite fui outra vez abandonada infamemente pelo libertino que só quiz gozar-me, para saciar desejos vis. Eu, Doutor, já não era uma mulher honesta desprezada por seu marido: eu já era uma mulher, que impellida pela miseria, seguia a estrada das mulheres perdidas.

Odiei os homens, não amei a mais nenhum, porque já não tinha coração, pois estava enlameado na possilga, onde elles mesmos o haviam lançado. Quiz vingar-me do marido vil, e tornei-me uma camelia: não me dava, porém vendia-me. Algumas horas que tinha de livres, eu entregava-me aos pensamentos, e media a fundura do abysmo onde começava a descer; porém erão quasi sempre interrompidas, pela chegada de algum adorador. Vi-me em pouco tempo coberta de joias e sedas; mas de que servia á ostentação, mostrar alegria, quando eu tinha na alma uma amargura perenne? Uma occasião quiz amaldiçoar meu pai, autor de meus males, porém arrependi-me. Os annos vão correndo no meio d'essa vida de enganos; arruinei muitos homens lancei a discordia no seio de muitas familias e por mais de uma vez tive occasião de ver o quanto os homens são infames. Doutor, seria longo enumerar todos os factos dessa vida criminosa, basta só dizer-vos que 18 annos de infâmias, de deboches e de loucuras acho um tempo tão longo que temo não seja bastante o verdadeiro arrependimento, para alcançar de Deus o seu perdão.

— Socegai; Deus é grande e compassivo, se do fundo d'alma vos arrependeis, elle vos concederá seu perdão. Não foi o amor da perdição que vos levou a commetter o que acaba's de narrar, mas sim a miseria e as circumstancias

anteriores; se não arredaste o pé do precipício, é porque n'elle era forçoso cabir. A planta estava ceifada, suas folhas havião de cahir e suas flores devião murchar.

A fortuna, que por herança recebestes, e que para um estabelecimento pio offerlastes é já uma prova de que vos arrependeis, é já uma garantia para Deus ser convosco piedoso. »

Quando eu acabava de proferir estas palavras a porta do quarto se abriu, um homem entrou, cahio de joelhos ao pé da cama e lavado em lagrimas exclamou: « Perdão, Eugenia, perdão!... » Era o seu marido. Ella estremeceu, e apoiando-se sobre os cotovellos ergueu-se um pouco e disse quasi morrendo. « Eu te perdoo. »

Minutos depois ella entregava ao Creador a sua alma arrependida murmurando a palavra

— Deus —

— Doutor, lhe disse eu, e o marido como se chamava ?

— Não t'ò posso dizer, devo guardar segredo.

J. BARBOSA RODRIGUES.

POESIAS.

COMO EU TE AMO.

Como eu te adoro, ó virgem,
Inda não te amou ninguém !

Como se ama na manhã das flores
A flor mais bella, que o jardim decora ;
Bem como se ama n'alvorada amiga
Um doce rizo, que nos mostra a aurora :

Como se ama, no gritar das aves,
O doce canto, que a saudade evita ;
Como se ama um suspirar d'amores,
Quando no peito o coração palpita :

Como se ama, no cahir da tarde,
A doce hora que o crepusc'lo adora :
Hora suave, que — tristeza e prantos
Por dentro d'alma merencoria entorna :

Como se ama da belleza a estatua,
Que angelico typo lhe formou celestes :
Bem como se ama da estação mimoza
A linda roupa, que a natura veste :

Como se ama, no tocar dos hymnos,
O som melódico, que o prazer traduz :
Oh ! como se ama no deserto escuro
Ao longe um cirio que derrama luz :

Como se ama a pallidez suave,
Que o recio nos lança no surgir da lua ;
Como se ama, recordando amores,
A doce imagem, que no céu flutua :

Como, depois de tempestade horrivel,
Ama-se o vento, que o oceano amança ;
Como se ama no florir da idade,
O verde louro, que o talento alcança :

Amo-te, ó virgem, como a flor do genio,
Q'è sempre bella, é que retracta a historia :
Amo-te ainda, mais que o sol nascente,
Q'a luz e as flores, o provir e a gloria !

Rio 1861....

A' João Silvio de Moura Rangel.

« A sorte fel-o poeta,
Das cinzas da pobre Ignez
O mundo fel-o propheta,
Do destino Portuguez
PALMEIRIM.

Do genio a fronte c'roada,
Por magestoso laurél
A lyra d'ouro inspirada
Por cantos doces de mel ;
Tudo tudo emfim lhe brada ;
Avante Silvio Rangel !

Nesta lucta trabalhosa (*)
Não cances o coração,
Mostra essa fronte orgulhosa
Qual valoroso Catão
Se a carreira é espinhosa
E' nobre e sancta a missão.

Qual Tasso no hospital
Lançado por homem máo
Qual Camões o immortal,
Lá na gruta de Macaú ;
Seja Gloria teu pedestal
Seja o Acajá teu Jáo

(*) A do redator do Acajá.

Na lucta serás feliz
 Ou vencido ou não
 Serás qual Eneas Muniz
 Que morreu pela Nação
 Serás como em Austerlitz
 Foi forte... Napoleão !

Tens a fronte c'rodada
 Por magestoso laurel.
 Tens tua lyra inspirada
 Por cantos doces de mal
 Tudo, tudo enfim te brada
 Avante ! Silvio Rangel !

A....

CLAUDINA.

Original Brasileiro.

(Conclusão.)

Depois de ter abandonado Pedro, Claudina entregou-se a um negociante que por muitas vezes havia-lhe feito vantajosos offerecimentos.

Alguns mezes depois, partia para uma de nossas provincias, o negociante, deixando-a somente com alguns objectos indispensaveis, pois que a pretexto de luxo elle havia pouco a pouco vendido tudo.

Ficou ella reduzida a uma simples mobilia, a alguns vestidos, não de luxo e a algumas joias de pouco valor.

Vendo-se abandonada quiz entregar-se outra vez ao mundo, porem sentindo resolver-se nas entranhas o fructo do amor de Pedro teve um momento de sensibilidade. Ella chorou.

Na noite do dia seguinte, quando a decima primeira badalada, annunciava que mais uma hora havia descido ao nada, ella, apenas coberta por um leve roupão branco, com os cabellos soltos em ondas que lhe desciaõ pelas costas e se os, de joelhos, com os olhos razos de lagrimas, abraçava uma cruz, onde se via o Redemptor do mundo crucificado.

Era Magdalena, aos pés de Jesus Christo.

Ella chorava e entre soluços, commovida e com tom de arrependimento exclamava :

— Justo poder do Creador ! Tu, oh ! Providencia Divina, permittiste que a infeliz creatura, que no meu ventre se revolve, fosse o meio mais poderoso para regenerar a minha vida ! Permittiste-lo, e, eu o agradeço, por que, abandonando o mundo de dissolução em que vivi, despindo

as vestes da mulher perdida para vestir a modesta roupa de mulher arrependida, fazes rehabilitar-me para contigo, embora o mundo me vote desprezo ! Perdôa, meu Deus perdôa ! Dos crimes, das infamias, de tudo, eu hoje me arrependo ! Faze que eu possa dar á sociedade um ente que possa ser útil, em troca do roubo que lhe fiz, subtraindo-me á minha missão ; faze que as minhas lagrimas, sejam outras tantas venturas, que possam alegrar os dias deste infeliz que no meu seio innocentemente vive !

E chorando, verdadeiramente arrependida, continuou a fazer supplicas do Eterno.

Não ha muito tempo vivia em uma pequena casa na rua de.... uma moça de seos vinte annos, que passava feliz, no meio de uma modesta existencia e na companhia de uma loura criancinha de um anno, que ainda vivia do leite materno.

Trabalhando, retirada da sociedade, podia passar sem mendigar ou incommodar alguem. Vivia feliz; nas horas do trabalho, deixava o lindo fructo de seos amores criminosos, em um berço, brincar consigo mesmo, emquanto ella, assentada a uma banquinha ao lado do berço, e costurava, emballando seu filho, com a ponta do pé.

Essa moça era Claudina, que tendo-se rehabilitado para com Deos, gozava o premio de seo arrependimento. Quanto ao castigo da filha desobediente, da mulher perdida e malvada, ella o soffria, porque soffria o desprezo da sociedade.

Não podemos admittir, que a mulher, uma vez perdida para a sociedade, possa se rehabilitar, para n'ella entrar gozando os fóros da mulher honesta. Não, poderá ter limpo o corraço, estar regenerada para com Deos, enquanto porém para com a sociedade, jámais !

A mulher é semelhante á flor, que uma vez murcha, briza nenhoma a pôde fazer reviver porque não ha lagrimas, que possam lavar a nodosa da mulher que uma vez deixou manchar suas vestes de virgem.

J. BARBOSA RODRIGUES.

Roga-se aos Srs. assignantes que não se achão quites sirvão-se fazel-o quanto antes, afim de evitar incommodos futuros.

BIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & C.^a, rua do Cano n. 163.